

## Um diálogo sobre democracia: as contribuições de Paulo Freire e John Dewey para a construção de uma educação com bases democráticas

Jefferson Melo da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** A educação democrática surge mediante os direcionamentos da sociedade ou ela é instrumento impulsionador de mudanças a partir de suas práticas? Buscamos responder este questionamento através de uma análise bibliográfica articulando as teorias filosóficas de John Dewey com as do patrono da educação, Paulo Freire. Ambos percebiam a escola como espaço de organização social, vislumbrando uma articulação entre educação e política nas salas de aula atrelada a vivências práticas de democracia no interior das instituições e reverberando para além dela.

**Palavras-chave:** John Dewey; Paulo Freire; Sociedade; Democracia; Liberdade

## A dialogue about freedom: the contributions of Paulo Freire and John Dewey for the construction of an education with democratic bases

**Abstract:** Does democratic education arise from society's directions or is it an instrument that drives change through its practices? We sought to answer this question through a bibliographical analysis articulating the philosophical theories of John Dewey with those of the patron of education, Paulo Freire. Both perceived the school as a space of social organization, envisioning an articulation between education and politics in the classroom linked to practical experiences of democracy within the institutions and reverberating beyond them.

**Keywords:** John Dewey; Paulo Freire; Society; Democracy; Freedom

### Introdução

Entender as funções da educação tem sido tarefa presente no campo das pesquisas ao longo dos séculos; todavia, na atualidade já se faz possível compreendê-las como instrumento social altamente cobiçado. Percebemos cotidianamente que forças políticas e movimentos populares se confrontam no anseio por direcionarem suas concepções através dos processos educativos e, nesse confronto ideológico, pautas democráticas e antidemocráticas surgem como demandas a serem inseridas no espaço escolar.

Diante disso, objetivando tratar sobre aspectos democráticos no campo da educação, esta pesquisa articula os pressupostos de dois autores conhecidos no campo filosófico da educação por defenderem uma escola igualitária, prática, impulsionadora de propostas metodológicas ativas de formação humana, reforçando os princípios da democracia e da cidadania.

---

<sup>1</sup> Pedagogo. Mestre em Educação. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

As teorias de John Dewey e Paulo Freire permeiam o campo da educação e são adotados como referenciais de discussão sobre o pragmatismo no espaço escolar, no pensamento defendido pelos autores, a educação é suporte fundamental para a implementação de um futuro democrático na nação, a partir dela se é possível a formação do sujeito, o qual deve tornar-se entendendo de sua contribuição para os processos de embate democrático no âmbito social.

Na busca por realizar um diálogo entre as concepções de práticas educativas pensadas por Paulo Freire (1921-1997) e John Dewey (1859-1952), direcionamos o olhar para as semelhanças encontradas nos escritos de ambos os autores, os quais, vivendo em épocas e continentes diferentes observaram e relataram transformações sociais, que inquietaram a sociedade e as perspectivas educativas dos sujeitos. Nesse sentido, autores direcionaram suas teorias para possibilitar a reflexão sobre uma educação carregada de mecanismos estruturantes para uma sociedade educada com fins democráticos.

Para concretizar este estudo utilizamos como metodologia a revisão bibliográfica, tomando como referências obras dos autores que se articulassem teoricamente, possibilitando o diálogo entre ambos, de forma que as concepções de escola democrática estivessem claras ao entendimento dos leitores.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

A análise dos escritos de Freire e Dewey possibilitou a reflexão sobre o cotidiano escolar, a ausência e a necessidade de práticas genuinamente democráticas nas salas de aula, apontamentos trazidos por John Dewey no livro *Vida e Educação*, traduzido por Anísio Teixeira (1978) e os aspectos de educação instrumental de transformação e mudança descritas por Paulo Freire, no livro *Educação como prática da liberdade* (1967).

Ressaltamos que os percursos da pesquisa bibliográfica são de comum conhecimento para pesquisadores, tendo em vista que qualquer que seja o estudo realizado se fará necessário o aprofundamento literário e a construção de um aporte teórico que auxilie na fundamentação dos argumentos defendidos.

Portanto, este estudo busca reforçar em nossos educadores do século XXI o entendimento de que os autores Paulo Freire e John Dewey temem suas obras elementos teóricos fundamentais para a implementação de uma sala de aula democrática, tendo em vista a perspectiva baseada em uma realidade social que demanda por mudanças e as narrativas filosóficas que nos permite pensar uma escola prática e atuante nos contextos sociais.

## Desenvolvimento

Por projeto educacional de êxito, Dewey aponta que, “O objetivo da educação não é permanecer no passado, tampouco construir utopias, mas tornar os estudantes conscientes do mundo onde vivem” (LICHTNER, 2009 *apud* NASCIMENTO; FAVORETO, 2018, p. 258), desse modo, entendemos na concepção do autor uma ânsia por educar os sujeitos a partir da necessidade de edificação do homem consciente, aquele que está na sociedade interagindo, atuando e modificando-a.

Bem próximo a este contexto de pensamento surgem as concepções Freirianas no Brasil, quando em meados dos anos de 1930 a 1960, o autor passa a apresentar teses que impulsionavam a defesa de um aprendizado intimamente associado à tomada de consciência por parte dos educandos da real situação social, política e econômica; Freire (1967) apresentava a proposta de uma dinâmica educativa que convergia o discurso da conscientização do povo e a necessidade deles se entenderem cidadãos, diante das vivências no mundo, lutando em defesa dos princípios democráticos.

Ao analisarmos as duas concepções filosóficas, reforçamos o pressuposto inicial desta pesquisa, o qual aponta para a aproximação das ideias educacionais de Freire e Dewey; tal aproximação possibilita o diálogo aprofundado entre as duas vertentes filosóficas e nos auxilia no processo de inseri-las em um panorama atual de sociedade, mas claro, mantendo sempre a cautela para que não seja cometido nenhum anacronismo, tendo em vista que os moldes sociais são outros e que as informações possuem um fluxo mais versátil de difusão e apropriação.

### Uma conversa entre Paulo Freire e John Dewey sobre liberdade e educação

O ponto inicial desta discussão toma como referencia a observação das estruturas da sociedade em suas amplas dimensões de construção afetiva, política e histórica, tal exercício requer do pesquisador uma visão ampliada sobre os conceitos de vida humana e as suas constantes possibilidades de modificações de pensamentos e concepções de ser; isso se dá mediante a perspectiva dos autores em perceber os educandos como sujeitos aptos a vida social, carregados de aptidões e anseios.

Para Dewey (1978), a atividade educacional não acontece do acaso, tendo em vista que a tarefa de educar não se processa no vácuo, independente de objetos ou condições, ela surge de um meio e se processa com uma finalidade. Portanto, educar é visto como, “o processo de reconstrução e reorganização de experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras” (DEWEY, 1978, p. 17); para que entendamos essa ideia de educação como resultado da constante construção e reconstrução das experiências, precisamos antes compreender o que Dewey aponta como experiência.

Ao explicar sobre a experiência, Dewey nos permite compreender que ela é a ação de um sujeito sobre o outro gera uma consequência que, quando sofrida pelo outro resulta em uma reação; nessa interação entre os sujeitos surge o ponto principal desses experimentos da vida real em suas infinitas possibilidades de criar-se e recriar-se, o autor deixa ainda mais claro quando diz que é o agir sobre o outro corpo e sofrer de outro corpo uma reação (DEWEY, 1978).

A partir da compreensão do conceito de experiências apresentado por Dewey fica possível entender que o autor defende que todo esse processo seja atribuído de significados e que essa significação das experiências ocorra imbricando elas “com percepção, com análise, com pesquisa”, levando aos sujeitos educandos o alcance do conhecimento.

Por sua vez, Paulo Freire defende que o ato de educar não se resume a uma mera atribuição de tarefas vazias, apontada pelo autor como uma educação ‘palavresca’, aquela cuja única função é a reprodução das palavras, muitas vezes impostas pelo adulto sem a preocupação de saber sequer se faz parte do meio social dos educandos. Dewey direciona sua crítica para uma educação ‘livresca’, cuja única finalidade é o mecânico verbalismo sem significados para a vida real.

Quando o processo educativo se distancia das práticas da vida e a escola acaba reproduzindo uma série de experiências não conscientes, os sujeitos passam a não entenderem os motivos para executarem tais atividades, por não terem o senso crítico reflexivo estimulado não ousam questionar, pois tornam-se sujeitos passíveis a esse amontoado de conteúdos, se adaptam a esse formato de exposição; um dos riscos que essa dissociação pode causar é, “autorizar a suposição de que se ministra educação ou instrução por processos puramente passivos de ensino” (DEWEY, 1978, p. 38), quando o fato é que sabemos a impossibilidade que há em alcançar o êxito educacional a partir destas práticas.

“Educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem” (DEWEY, 1978, p. 17). Se não preparamos os educandos para viver, como professores, estamos negligenciando o contínuo processo da vida, esquecendo de perceber as nossas vivências como experiências de constante aprendizado.

A teoria de John Dewey nos apresenta um campo fértil de teorias que possibilitam a ampliação da visão educacional, trazendo à tona uma escola viva, construtora de sujeitos práticos e que saibam resolver os dilemas e problemáticas sociais; nesse campo apresentado por Dewey, o ilustre Paulo Freire colheu pensamentos filosóficos que auxiliaram em suas ações nos ciclos de cultura, onde práticas de alfabetização reflexiva tinham a função de educar e politizar o trabalhador, aquele sujeito advindo das classes populares, cuja vida era farta de experiências que precisavam ser levadas em consideração pelo processo de educação.

As experiências do homem do no mundo o coloca em um patamar interativo diferente das outras espécies animal; “As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corporais e incorpóreas) apresentam características que as distinguem dos puros contatos, típicos de outra esfera animal”, o homem existe e está para além dos instintos inatos de sua espécie, para que cresça e se desenvolva como sujeito se faz necessário interação com seus pares, trocas de experiências, construção de uma rede de ideias e concepções sobre o mundo, tendo em vista que “existir é individual, contudo só se realiza em relação com outros existires” (FREIRE, 1967, p. 39).

Neste ponto, já se faz possível compreender a proximidade entre as duas teorias estudadas, a visão dos autores se volta à necessidade de uma mudança no sistema social, Dewey apresenta suas concepções de forma moderada, conforme Freire convida o povo ao enfrentamento democrático em busca de melhorias sociais; todavia, ambos acreditavam que só através da educação é que seria possível uma modificação nas estruturas sociais.

As duas teorias direcionam à construção de sujeitos críticos, pautados pela pesquisa, inquietação e utilização dos saberes da vida, aplicando-os na própria vida, que defendam o status de mudança e participem desse processo em seu tempo e espaço, não se tornando meros produtos da sociedade. “O homem existe no tempo. Está dentro. Está fora, Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se” (FREIRE, 1967, p. 41).

Tanto Dewey, quanto Freire nos ajudam a compreender um homem que é sujeito de seu aprendizado e o faz mediante a organização e a reorganização de suas experiências; o sujeito nasce e experimenta o mundo a sua volta de maneira livre, constrói percepções mediante as interações que produz junto aos demais sujeitos (família, escola, igreja, comunidade) a sua volta, a partir dessa necessidade de interação com o meio o indivíduo tem possibilitado avanços na estrutura de organização de suas aprendizagens.

O homem é livre e nessa liberdade ele experimenta e amplia suas possibilidades de ser e estar no mundo; o ser humano conhece o mundo a sua volta e interage com ele, quando retirada essa liberdade do homem, ele torna-se um ser meramente ajustado ou acomodado, essa acomodação impossibilita e cêrcea uma sociedade que almeja por mudanças (FREIRE, 1967).

Precisamos aqui enfatizar que, a construção de um pensamento pedagógico de cunho democrático só é possível de ser concebido no âmbito de uma sociedade que anseie pela democracia, pois, os sujeitos precisam se compreender como participantes de um processo real, ativos em uma dinâmica social igualitária, tendo em vista que só a partir deles é que as mudanças devem surgir, pois precisam ser planejadas por e para eles. Nesse sentido, o educador tem o dever de reconhecer na sala de aula um espaço de trocas e jamais de imposições, permitindo que os discentes interajam e experimentem novas possibilidades, mas, sem deixar de lado as suas próprias vivências.

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias (FREIRE, 1967, p. 89).

O princípio defendido pelos autores aponta para uma educação formal que se articule ao cotidiano dos sujeitos e lhes proporcione uma leitura da sociedade na qual esteja atuando e, ao entender as problemáticas existentes busquem as possíveis soluções de forma conjunta. Uma educação que não se abstenha das críticas sociais, mas que as

aponte conforme seja necessário, uma escola que não fuja dos cenários sociais, mas que participe efetivamente deles.

[...] se contrastarmos a cena da escola com o que se passa na família, por exemplo, perceberemos o que procurei significar ao dizer que a escola fez-se uma espécie de instituição radicalmente diferente de qualquer outra forma de organização social (DEWEY, 1976, p. 4).

Dewey tecia críticas aos modelos que a escola vinha adotando, se distanciando das demais práticas da sociedade, se isolando em um contexto que deveria ser plural. Ao apontar essas críticas, o autor defendia um aspecto educacional que romperia com a estagnação da repetição de palavras soltas e o uso constante de metodologias de caráter repetitivo e desgastante que enfatizam o mero treinamento.

À imposição de cima para baixo, opõe-se a expressão e cultivo da individualidade; à disciplina externa, opõe-se a atividade livre; a aprender por livros e professores, aprender por experiência; à aquisição por exercício e treino de habilidades e técnicas isoladas, a sua aquisição como meios para atingir fins que respondem a apelos diretos vitais do aluno; à preparação para um futuro mais ou menos remoto opõe-se aproveitar-se ao máximo das oportunidades do presente; a fins e conhecimentos estáticos opõe-se a tomada de contato com um mundo em mudança (DEWEY, 1976, p. 6).

Ambos os autores apontam para uma direção de mudança cuja educação é o ponto principal. Para isso, ela necessita ganhar novos sentidos, precisa romper com a sistemática de engessamento metodológico a qual tem feito da escola um organismo à parte da sociedade. As práticas realizadas no interior das instituições precisam refletir a realidade e impulsionar sua modificação.

“Assim, a finalidade da educação estaria nela mesma, no dia a dia, no transcorrer do processo, admitindo como força propulsora o interesse pessoal e o conhecimento prévio das crianças” (LOURENÇO FILHO; MENDONÇA, 2014, p. 190). Os docentes ao compreenderem que a instituição escolar recebe interferências externas trazidas pelos discentes, podem se apropriar desse conhecimento, reconstruí-lo junto com eles e assim contribuir na formação de sujeitos capacitados para interferir na sociedade de forma justa e autônoma, conscientes da realidade que vivem e que almejam.

### Aprofundando o diálogo: Educação e democracia

John Dewey constrói críticas ao modelo educacional em vigência na sua época, era um modelo cujo engessamento estava latente, isso resultava em crianças educadas fora de um eixo real da sociedade, uma formação descontextualizada da prática do dia-a-dia que não levava em consideração os saberes que esses sujeitos carregavam consigo.

Para o autor, “Não há, pois, nenhum meio de controlar ou governar a educação que a geração infantil recebe, salvo o de preparar o ambiente em que a criança age, pensa e sente” (DEWEY, 1978, p. 24), nesse sentido, precisamos levar em consideração também a organização que a instituição familiar possui e como ela pensa o processo educacional dessa criança, afinal, a família é a primeira base de interação desses sujeitos e, na maioria das vezes possuem fragilidades.

Nesse sentido, a escola deve proporcionar aos educandos o encontro de um aparato social e moral, para além do educativo, com o qual possam as crianças, jovens e adultos refletirem suas ações dentro da sociedade, “uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política” (FREIRE, 1967, p. 88).

Os autores direcionavam suas críticas aos métodos tradicionais dos quais a educação se apropriava, eram modelos que em nada auxiliavam na formação de cidadãos conscientes. Dewey propunha uma escola, na qual, resumidamente as crianças precisam encontrar um ambiente simplificado, um meio purificado, no qual estejam eliminados os aspectos sociais maléficos e que seja um espaço de integração social, de harmonização de conflitos e de tolerância, uma “instituição ordinária”.

Por sua vez, Paulo Freire era ávido crítico da educação com moldes hierárquicos, apontava educadores que seguiam tendências impositivas, cujo conhecimento era advindo dos superiores e distribuídos aos membros inferiores do processo.

Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para pensar autêntico, recebendo fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora por que a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção (FREIRE, 1967, p. 96).

Essas metodologias reduzem os educandos a meros recipientes de conteúdos e fórmulas prontas, os quais não refletem, não questionam, não pesquisam, permanecem inóspitos, aderindo a tudo que lhes for ofertado. Essa crítica não caducou, ao observarmos algumas escolas ainda se fazem presentes professores cuja finalidade educacional está reduzida a métodos, a percursos e prescrições pré-estabelecidas.

Diante disso vemos uma educação que se afasta da realidade dos sujeitos, seguindo e mantendo padrões enraizados pelas tendências conservadoras que se reproduzem a anos, desmotivando os sujeitos a continuarem no processo de escolarização e lançam na sociedade indivíduos sem o mínimo de senso crítico.

Afastados da realidade social, os discentes finalizam o processo de escolarização desconexos das reais necessidades sociais, “o que é aprendido, sendo aprendido fora do lugar real que tem na vida, perde com isso seu sentido e seu valor” (DEWEY, 1978, p. 27). Dewey propunha a construção de uma “sociedade em miniatura” dentro das escolas, na qual as crianças vivenciassem dinâmicas próximas da realidade externa, com problemáticas reais que aprenderiam a resolver.

Nesta mesma perspectiva, Freire (1967, p. 104) acreditava “numa alfabetização que, por isso mesmo tivesse o homem, não esse paciente do processo, cuja virtude única é ter paciência para suportar o abismo entre sua experiência existencial e o conteúdo que lhe oferecem [...]”, um processo de ensino o qual não se faça necessário afastar os sujeitos de sua vida, do seu trabalho, daquilo que eles vivenciam no dia a dia, buscando nas experiências empíricas os conteúdos da sala de aula.

A educação não deve acontecer como uma doação, sua organização não deve ser de cima para baixo, Freire (1967) defende um sistema educacional que se organize de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador.

Dewey (1978) aponta para um sistema que leve em consideração o equilíbrio entre educação tácita e não formal recebida diretamente da vida e a educação direta e expressa das escolas, desse modo, ambos os autores convergem em compreender que a vida ensina, os meios e experiências são fontes de aprendizados, cabe á escola organizar esses saberes e, aos educadores fica o papel de mediar, sistematizar, possibilitar novas aprendizagens a partir das que os sujeitos já possuem, permitindo que integrem os saberes socialmente construídos com os ensinamentos sistematizados pela educação formal.

Estes princípios apresentados pelos autores refletem as demandas necessárias para se implementar uma educação democrática no âmbito das escolas, a partir do momentos que os profissionais da educação respeitam o conhecimento que os educando trazem, eles abrem precedentes para que os educando assim respeitem os conteúdos que a escola oferta.

Os educadores precisam construir o entendimento de que os saberes não partem de si, os educandos são sujeitos práticos no seu cotidiano, têm no mundo diversas possibilidades de aprender sobre inúmeras coisas e a escola é espaço de filtragem, refino, organização desses aprendizados.

Nesse sentido, os conceitos de democracia e educação se interligam a partir do dever que a escola tem de

formar sujeitos aptos a vida em sociedade, entendendo que dela surgem conhecimentos e para ela voltam os sujeitos formados pela escola para a vida; esses indivíduos precisam entender seus direitos e respeitar os deveres e o próximo, independente de suas discordâncias e diferenças. “A meta da educação de Dewey, em última instância, aponta para o aprimoramento da vida social consubstanciada pela democracia” (LOURENÇO FILHO; MENDONÇA, 2014, p. 200).

A democracia que, antes de ser forma política, é forma de vida, se caracteriza sobretudo por forte dose de transitividade de consciência no comportamento do homem. Transitividade que não nasce e nem se desenvolve a não ser dentro de certas condições em que o homem seja lançado ao debate, ao exame de seus problemas e dos problemas comuns. Em que o homem participe (FREIRE, 1967, p. 81).

Não é possível pensar uma sociedade autenticamente democrática sem que haja uma educação que direcione o povo com esta finalidade. Educar para que o povo tenha liberdade nas ações, mas que compreendam e tenham consciência de seus atos, isso é ensinar os caminhos para uma sociedade agir de forma plena, igualitária e respeitosa, entendendo o lugar que cada um possui no âmbito social.

Democratizar a escola é, acima de tudo, assumir que ela é espaço constante de mudanças, que os seus atores são fundamentalmente abertos a estas mudanças; “A própria essência da democracia envolve uma nota fundamental, que lhe é intrínseca — a mudança” (FREIRE, 1967, p. 90). Os sujeitos são inquietos, a sociedade muda constantemente, seus princípios e suas necessidades se alteram e a escola precisa compreender, respeitar e implementar essas mudanças.

É numa escola com princípios democráticos que as crianças, jovens e adultos aprenderão o que é a autêntica democracia, neste ponto encontramos a convergência plena entre as teorias de John Dewey e Paulo Freire, ambos concordam que a democracia só se aprende a partir da vivência democrática.

“Na verdade, se há saber que só se incorpora ao homem experimentalmente, existencialmente, este é o saber democrático” (FREIRE, 1967, p. 92). O homem só aprende democracia quando está efetivamente vivendo-a, percebendo-a em seu entorno, experimentando-a em seus percursos diários.

Assim como Freire, Dewey apontava para um postulado básico que interligava a educação e a democracia, “Esse postulado é o de que todos os homens são suficientemente educáveis, para conduzir a vida em sociedade, de forma a cada um e todos dela partilharem como iguais, a despeito das diferenças” (TEIXEIRA, 1977, p. 205).

Portanto, ambas as teorias culminam em um resultado bem aproximado, apesar de percorrem caminhos distintos em períodos temporais distintos, os autores confluem em defender uma escola ativa, prática, atrelada às vivências sociais e que estejam ensinando seus sujeitos a agirem a partir dos princípios democráticos, se entendendo como cidadãos plenos, responsáveis e defensores das mudanças sociais.

## Conclusão

A partir deste estudo, esperamos que o leitor possa compreender que o ato de educar não é isento, não surge do nada e não se direciona a sujeitos vazios. Ele se origina a partir de objetivos, os quais precisam ser delimitados e articulados para que sejam possíveis de serem alcançados e que, diante de práticas conscientes, os sujeitos conquistem o aprendizado.

Entendamos que a vida ensina em suas mais diversas dinâmicas sociais, os sujeitos têm constantemente ofertas de aprendizados nos seus contextos sociais, no entanto, os saberes lhes chegam de maneira desorganizada. Assim, a escola e os educadores têm por dever sistematizar e refinar este conhecimento, proporcionando um aprendizado autêntico.

Para ensinar sobre democracia não é diferente, a sociedade constantemente lança noções desvirtuadas sobre

a democracia, sem explicar sua real definição, sua funcionalidade e, muito menos suas possibilidades reais aos cidadãos; por sua vez, a escola deve apresentar a seus indivíduos um ambiente participativo, de conscientização, cujas responsabilidades sejam direcionadas e respeitadas, que possibilite o entendimento a partir de práticas cotidianas que dialoguem com as experiências externas.

Ao direcionarem os educandos a práticas genuinamente democráticas, espera-se que os sujeitos reverberem estes conhecimentos em suas vidas e que passem a se reconhecer como indivíduos pertencentes a esse contexto social e político. Entender sobre democracia não deve ser visto como ameaça aos princípios educacionais, mas como proposta de amadurecimento dos sujeitos para uma vida social consciente.

É importante frisarmos que a inserção de práticas democráticas no ambiente escolar no Brasil já é defendida desde sua redemocratização, estando por lei na constituição de 1988: “Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

Nesse sentido, a escola e seus atores não podem se abster de proporcionar aos discentes um ambiente igualitário, ofertando um aprendizado político significativo em completa sintonia com a prática social. Desse modo, seus sujeitos refletirão para além da escola as demandas de uma sociedade em constante estado de mudanças, conscientizando seus pares sobre os princípios básicos da real democracia igualitária.

## Referências

- BRASIL. **Constituição**. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.
- DEWEY, J. **Experiência e educação**. Trad.: Anísio Teixeira. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- DEWEY, J. **Vida e educação**. Trad.: Anísio Teixeira. 10. ed. São Paulo; Melhoramentos, 1978.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Apostila. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, P. **Educação como prática para liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.
- LOURENÇO FILHO, A.; MENDONÇA, S. A autonomia do educando na pedagogia de Dewey. **EccoS**, São Paulo, n. 33, p. 187-203, jan./abr. 2014.
- NASCIMENTO, L. do.; FAVORETO, A. Émile Durkheim, John Dewey e Antônio Gramsci: em debate a teoria da educação transformadora. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 56, n. 49, p. 250-273, jul./set. 2018.
- TEIXEIRA, A. S. **Educação e o mundo moderno**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.